



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A LITERATURA PÓS- AUTONOMA NA OBRA *O VÔO DA GUARÁ VERMELHA*

Catarina de Senna de Almeida Borba Eloy Dantas – PPGLI/UEPB

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir o romance *O vôo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, considerando as novas polêmicas acerca de temas relacionados ao pós-modernismo e à literatura pós-autônoma, na perspectiva pós-moderna de Josefina Ludmer (2007). Deste modo, investigaremos e buscaremos na obra características que testemunhem se o romance analisado foge ou não às regras do que até então era visto como moderno. Pretendemos, após essa análise, emitir um parecer sobre o romance estudado, verificando se o mesmo pode ser enquadrado ou não a essa nova categoria literária, chamada de pós-autônoma.

Ao vasculharmos os manuais de literatura, iremos perceber vários conceitos, que almejam definir de forma concisa, o que vem a ser literatura. Sendo assim, definiremos literatura aqui de acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, que define literatura como sendo, o uso estético da linguagem escrita, assim como também o conjunto das obras literárias de reconhecido valor estético.

Deste modo, aquilo que é tido e visto como literatura trata-se de algo que não pode fugir nem escapar do crivo do que consta e é legitimado como literatura pelo cânone, que concede a determinadas obras o reconhecimento deste valor estético, citado na definição de literatura acima. Nos dias atuais, nos deparamos com os mais diversos tipos e formas de literatura, são literaturas que fogem dos antigos padrões, cujos produtores, nem de longe, ousam sonhar com uma cadeira na academia brasileira de



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Letras, são literaturas que transgridem regras e buscam aos poucos libertar-se do peso que lhe foi imposto pelo passado, como a linguagem formal, narrativas longas, difícil vocabulário.

No entanto, começamos a nos perguntar por que tantos autores e obras são até certo ponto ignorados por universidade e acadêmicos, por que alguns autores são eternizados e outros ignorados pelos críticos, professores de literatura e alunos dos cursos de Letras.

Então, no meio deste caldeirão literário em ebulição, surge um novo tipo de literatura, uma literatura que foge do cerco literário, que quebra correntes e que aos poucos começa a se libertar dos estigmas da tradição romanesca. Essa literatura, denominada de pós-autônoma, aponta para outros caminhos e mostra que, nos dias atuais, não se prende apenas a estórias de amor, mas pode assumir várias outras formas como, um testemunho, uma crônica, uma biografia.

Nesta perspectiva, ao lermos a obra *O vôo da guará vermelha*, de Maria Valéria Rezende, escritora nascida em Santos (SP), dedicou-se desde jovem à educação popular. Depois de São Paulo, viveu em Pernambuco e na Paraíba, no meio rural. Atualmente, reside em João Pessoa, cidade em que escreveu o voo da guará vermelha. Nos encontramos com a história da vida sofrida de Rosálio e Irene. Ele, um pedreiro analfabeto que carrega com muito zelo, uma caixa de madeira, cheia de livros, na perspectiva, de um dia realizar o seu sonho de aprender a ler. Ela, uma prostituta, soropositiva em fim de carreira. A fusão entre as dores e os sonhos dos personagens centrais, vai dando origem a uma explosão de cores que toma conta da vida tão incolor de ambos. Eles interagem e se complementam, à medida que Rosálio aprende as primeiras letras com Irene que, em contrapartida, ouve maravilhada a fantástica história da vida dele: “conta para eu sonhar”, ela pede. E completando essa poética troca, Irene ainda acumula mais duas funções: lê para seu companheiro os livros da caixa e coloca num velho caderno, as lindas narrativas autobiográficas que Rosálio lhe conta.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Todavia, Márcia Abreu (2006) apresenta um conceito de literatura pautado em fatores externos à obra literária. No entanto, a autora defende que esses elementos não apresentam um caráter secundário, Márcia Abreu não reduz a literatura apenas aos elementos que compõem um sistema literário triásico. Para a autora, somente os agentes com poder institucional podem determinar o que é literatura.

Para explicar melhor, é importante considerar inicialmente que o conceito de literatura apresentado por Márcia Abreu parte do princípio de que uma obra não nasce literária. Para chegar à consagração, ela precisa necessariamente passar por um processo. Abreu (2006) nos instiga a refletirmos sobre diversas questões referentes a obras e autores, questionamentos do tipo: existem livros bons e livros ruins, todos nós devemos demonstrar interesse pelo mesmo tipo de texto e de autores para sermos vistos como bons leitores?

Contudo, ao analisarmos a obra, teremos um primeiro impacto ao olharmos para o nome da autora e percebermos que Rezende não tem seu nome escrito na lista do cânone literário. Que é esse tal de cânone literário que causa uma cizânia entre aqueles que constam e aqueles que não constam nas suas listas? Deste modo, começamos a nos perguntar qual a finalidade deste tão falado cânone, será que ele existe apenas para segurar numa mão um carimbo escrito literatura e na outra não literatura.

A própria Maria Valéria Rezende, em conversa informal com a autora, considera o cânone literário, como algo arbitrário, questionando o processo de escolha das obras que nele devem constar. A autora questiona também, o fato de tais obras pertencerem quase sempre a autores do eixo Rio- São Paulo, ignorando a diversidade e a produção multicultural do nosso país.

Sendo assim, nos deparamos, com um novo questionamento que diz respeito às literaturas consideradas pós- autônomas, e que nos levam a refletir se podemos carimbar *O vôo da guará vermelha* de Rezende, como essa nova modalidade de literatura, tão bem defendida por Ludmer (2007), como aquele tipo de escrita atual que abordam o cotidiano e cuja produção se dá em ilhas urbanas, ou seja, nas zonas sociais.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Partindo do pressuposto de que hoje as obras não chegam até os leitores na forma de livros impressos, mas que os autores, possuem os mais diversos meios para difundir sua obra, como blogs, e-books, sites. Podemos concordar sem medo com Ludmer e com a sua definição de literatura pós-autônoma, no sentido de que essas produções literárias, atingem a nós leitores das mais diversas formas. Sabemos que essas escritas quando chegam até nós, elas tem um propósito, elas buscam denunciar, sugerir, ditar regras, especialmente porque se trata de uma literatura de testemunho, são diários, crônica do cotidiano, reportagens.

Essa literatura, busca na verdade um rompimento com o tradicional, ela não deseja mais obedecer nem tão pouco seguir as regras do seu antepassado pai o modernismo. Isso não significa dizer, portanto, que as literaturas pós-autônomas segundo afirma Ludmer (2007) podem ser vistas como um marco no sentido de que essas escritas chegaram como um divisor de águas entre a literatura e a não literatura, entre a boa e a ruim literatura.

Essas literaturas, contam vidas, relatam situações, dores e lutas, como podemos ver de forma nítida na personagem Irene, que conta suas frustrações, seus sonhos, sonhos estes que podem ser e podem se enquadrar na vida de qualquer leitor que tenha acesso a obra. Irene é uma pessoa comum, como tantos leitores, ela se mistura e poderia ter qualquer outro nome, poderia ter a minha história ou a história de qualquer um de nós e vice-versa.

Talvez como o próprio nome já deixe implícito, a literatura pós, busca esse rompimento, o que os autores dessa literatura pós desejem seja simplesmente trazer o leitor para um mundo real, mostrar á ele que a realidade existe e que a literatura possui também uma função social, que desperte o leitor, o puxe para a vida real e quebre e transponha as barreiras criadas por está ou por aquela escola literária, talvez o leitor precise simplesmente abrir um livro e se enxergar nele, enxergar os problemas da sua sociedade, conforme Ludmer (2007), essas escritas, contariam fatos relacionados à vida cotidiana, situadas em ilhas urbanas latino- americanas, são literaturas férteis, como já foi tão bem abordado por Beatriz Resende (2012).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

O surgimento da literatura pós-autônoma nos abre os olhos para um horizonte em que, nem sempre, e também na maioria das vezes, ocorrem os clichês tão utilizados nos tempos de outrora como: “... E foram felizes para sempre!” Demonstrando *ipsi literis* que, a vida é muitas vezes madrasta, sem quaisquer vestígios dos tão propalados finais felizes, longamente utilizados nas escolas literárias bem comportadas, recheadas de romances tórridos, ternos e extremamente apaixonados e desprovidos das dificuldades intrínsecas das vidas dos personagens a partir do tão esperado ponto final, ponto este que, a partir do qual, imagina sempre, o leitor otimista, bem humorado e cheio de bons sentimentos que: “... de agora em diante, já que o final é feliz, devem acabar problemas, doenças e mortes...”.

Ao mencionarmos o tema literatura nos dias atuais, pode-se dizer que existe quase que um mal-estar pernicioso que ronda o tema e se estende ao conceito de literatura, isso se deve ao fato de que grande parte dos textos literários, produzidos dentro dessa onda, são textos híbridos, no sentido de que, as literaturas se misturam, deste modo, pode-se dizer que as literaturas pós- autônomas, tem provocado á critica, uma vez que ela tem levado os mesmos a repensarem velhos conceitos, tais como: o que é romance, quais são as escolas literárias, além de instigar perguntas de ordem como : para que serve á literatura, por que literatura.

Tendo em mãos, o produto que é classificado pelos críticos como um romance, o livro *O vôo da guará vermelha*, percebemos que ele pode sim ser enquadrado como romance, mas não nos esqueçamos de deixar aqui o nosso questionamento no que diz respeito à obra. Por que a obra de Rezende, não poderia ser uma autobiografia, uma vez que Rosálio, conta com riqueza de detalhes sua história de vida, desde o seu nascimento até a idade adulta. Porém, o livro de Rezende poderia ser sem sombra de dúvida, um romance sim, uma história de amor entre Irene e Rosálio, duas almas sofridas que se uniram pelos acontecimentos, sonhos e sofrimentos da vida e por que não se dizer que teve um final Shakespeariano, como o de Romeu e Julieta; até mesmo pela semelhança de final, quando Rosálio enxerga sua amada Irene morta na cama daquele quarto de prostíbulo?



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Poderíamos seguir esta análise, tentando encaixar *O vôo da guará vermelha* em outras categorias literárias, mas podemos afirmar que a obra possui características notórias de uma obra literária pós- autônoma, uma vez que a autora aborda questões referentes aos problemas sociais do nosso cotidiano, como: analfabetismo, AIDS, Pobreza, prostituição, má- qualidade de vida dos idosos, dilemas das mães solteiras, dentre outros.

Talvez a autora tenha “apenas” desejado, ao ter sua obra germinada, escrever, narrar, um caso de amor entre uma prostituta que contraiu o vírus da AIDS de um cliente, e um simples ajudante de pedreiro, cujo maior sonho era aprender a ler. No entanto, pode ser também que a autora aspirou utilizar o seu romance, para denunciar, problemas sociais, como a dor do analfabetismo, a educação de jovens e adultos, de modo que o leitor acorde e se de conta de que os problemas existem e que se repetem dia após dia na vida de milhares de Irenes e Rosális, espalhados pela nossa sociedade.

Essa literatura pós-autônoma, poderia ser encaixada em que categoria, seria uma biografia, memória, narrativa, uma confissão, a que classe social ela pertence. Percebemos de forma notória, essa dúvida na obra de Rezende, por se tratar de um romance que foge dos padrões clássicos, das grandes epopeias burguesas, a obra da autora, pode até ser taxada de epopeia, só que agora não mais burguesas, porque nela, a autora através da musicalidade, de uma linguagem bem trabalhada, precisa e poética, o leitor consegue ouvir a voz dos personagens, das pessoas simples, do povo, do cotidiano, uma vez que os personagens desta obra sobrevivem na obscuridade humana, são anônimos, mas intensos nos seus sonhos de um dia viver, como os outros vivem, com suas alegrias e algum tipo de esperança.

Porém, após várias indagações, e deixando um pouco de lado o conceito de literatura, oriundo do romance, percebemos que a literatura pós-autônoma, balançou a até então firme pilastra do cânone literário. Destacando que devemos sim, conceder ao cânone, o valor que lhe é devido, declarando então que não primamos pelo extermínio do cânone literário, mas que diante dessa problemática, defendemos a idéia de que devemos lutar pelas mudanças que já vem ocorrendo desde os anos 80, que é o cânone



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

alternativo, que já concebe desde então, novos gêneros literários. Ressaltando, que o problema não se encontra no cânone, mas, no preconceito que existe contra as obras, e seus autores, especialmente contra aqueles que não se encontram nas grandes regiões do nosso país.

REFERENCIAS

REZENDE, Beatriz – Contemporâneos. Casa da Palavra, 2007.

LUDMER, Josefina – Literatura pós-autônomas. Revista Sopro, 2010.

ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

REZENDE, Maria V. O vôo da guará vermelha. Editora Objetiva, 2005.